



Roteiro

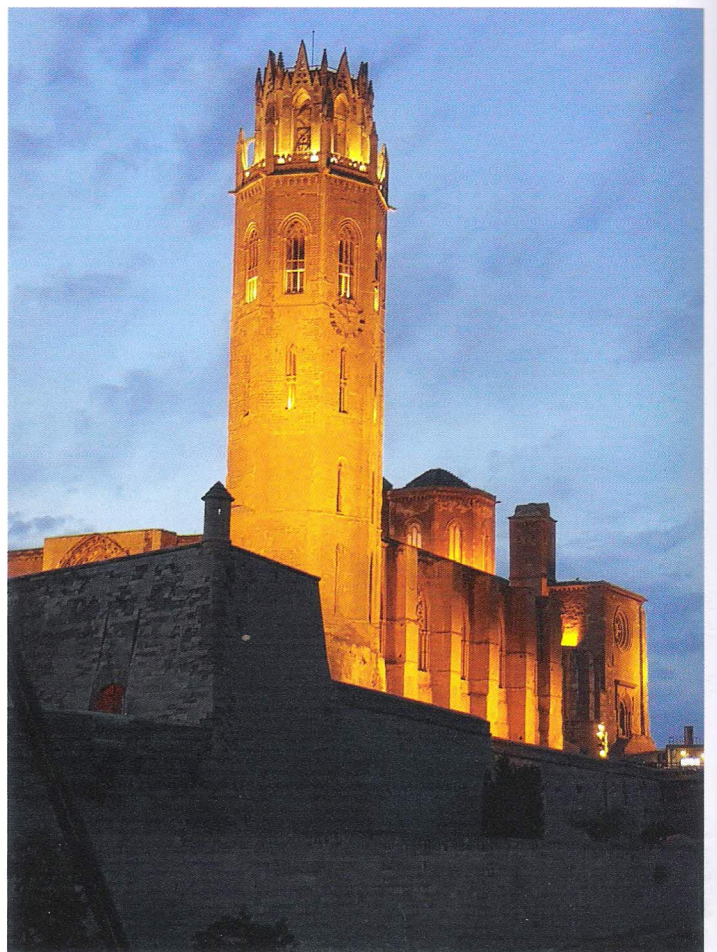
Pyrenaeos

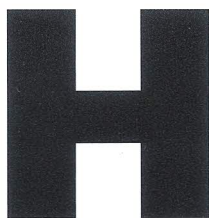
“Foi há um ano. Mas a memória está viva como se fosse hoje. Só que hoje seria impossível...”. O relato, a experiência e os conselhos recolhidos durante uma semana de moto pelos Pirenéus, com Henrique Saraiva, do blog ‘Viagens ao Virar da Esquina’.

  Henrique Saraiva / Viagens ao Virar da Esquina









á muito que, com o Jaime Fernandes, amigo e companheiro motociclista de longa data, acalentávamos o desejo de percorrer os Pirenéus (uma entre outras tantas

aventuras sonhadas e a concretizar). A amizade e camaradagem, bem como algum equilíbrio de andamentos, garantia o sucesso da empreitada. A Pan e a VFR também já se conheciam bem e o convívio era dado adquirido... E, como tudo o que existe tem um nome, chamámo-lhe 'Pyrenaeos 2019.'

O nome deriva do latim *Pyrenaeos*, e terá nascido do termo clássico grego *Pyrenaiá*. Reza a lenda que teve como origem o nome de uma personagem da mitologia grega, Pirene (Πυρήνη), amante de Hércules, filha de Bébrix: Hércules, após a morte de Pirene, teria erguido uma tumba à altura de seu amor, isto é... a cordilheira, onde repousa sua amada. Um pouco de sabedoria de algarve não está mal para começo de conversa... O planeamento da viagem durou mais de um mês. E a definição do percurso foi obra do Jaime. Mas se o desenho do percurso foi excelente, um bom planeamento é aquele que, sem perder de vista o objetivo final, em qualquer altura permite as adaptações necessárias. Foi o que aconteceu. Deixemos os prolegómenos e vamos à viagem!

As decisões

Ao longo da viagem tivemos de tomar algumas decisões. É normal. Foram consensuais, lógicas e não perdemos muito tempo com elas. A visão de ambos era comum. Apenas a primeira foi de minha responsabilidade e não correu bem

1 - Mesmo antes de sairmos, decidi não levar o fato impermeável. Era junho, calor e teria de o levar fora das malas, o que seria aborrecido caso nas paragens tivesse de me afastar da moto. Má decisão. Felizmente a única e só afetou quem a tomou! Serviu de lição...

2 - Resolvemos antecipar a partida. Em vez de sair de madrugada para uma etapa longa até S. Sebastián, aproveitámos o final de dia da véspera e os dias longos de junho, para pernoitar perto de Mangualde (casa de família e, portanto, sem agravar custos). O benefício foi evidente. Fizemos a viagem com mais tranquilidade e chegámos bastante mais cedo.

3 - Para o terceiro dia (segundo nos Pirenéus) tínhamos previsto passar alguns dos famosos Cols da Volta à França - Aubisque, Tourmalet e Aspin. Todavia, a previsão meteorológica sugeria intempérie com queda de neve. Mudámos a agulha e prosseguimos pelo lado espanhol, pela espetacular N260. Valeu a pena.

4 - Para o quarto dia, repetiu-se o cenário. Iríamos sair de Andorra para norte por Pas de la Casa (2400 m de altitude) e entraríamos em Espanha depois do Col de Puymorens (2000 m). A previsão era de

tempestade e confirmou-se. Forte nevão assolou os Pirenéus acima da cota dos 1200 metros. Mesmo com a alteração do percurso, não apanhámos neve por um triz, mas a chuva foi inclemente. E sofri na pele as consequências da decisão 1...

5 - Naquele que iria ser o último dia, tínhamos previsto fazer um périplo pelo centro de Espanha (Cuenca, Toledo). Todavia, surgiu a necessidade de regressar. Colocou-se a questão de atravessar Espanha num dia ou com uma paragem intermédia. Depois de visitarmos Saragoça, a seguir ao almoço avançámos e a meio se decidiria. Contornámos Madrid ainda relativamente cedo... chegámos à Ponte Vasco da Gama à meia-noite, 1100 km depois de sairmos de Lérida pela manhã.

A viagem

Esta viagem tem duas partes. Uma, a ida até S. Sebastián e depois o regresso desde Saragoça. Salvo em Portugal, um pequeno troço até Ciudad Rodrigo e de Lérida a Saragoça, foi sempre por autoestrada. Gratuita! Cerca de 2000 km... A outra parte é o percurso propriamente dito nos Pirenéus. Já lá vamos.

As paragens que fizemos serão os marcos que desenham o nosso trajeto.

Tordesilhas - Cidade bem marcante da história comum de portugueses e espanhóis e que então comemorava o 525º aniversário da celebração do Tratado. Bordejada pelo rio Douro, tem um centro histórico interessante e bem conservado. Merece visita e a oportunidade de apreciarmos a história de dois povos que geralmente andaram à 'trollha', mas também souberam entender-se quanto tal era preciso... e aqui apenas se tratou da partilha do Mundo! Começava a globalização...

Burgos - Aqui, a paragem foi estilo 'toca e foge' para apreciarmos a magnificência da sua Catedral cuja construção remonta ao Séc XIII. Lindíssima e com um enquadramento monumental de destacar. Atravessada pelo Rio Arlanzón, é uma cidade aprazível e com relevante importância histórica.

S. Sebastián - Entrámos pela autovia A1 (gratuita), e a última centena de quilómetros percorrida no País Basco é um deleite para os olhos. Atravessámos montanhas, descemos para a cidade, disposta em anfiteatro com a Baía de la Concha a seus pés e ao longe os primeiros vislumbres dos majestosos Pirenéus! Quanto à cidade, bonita e cosmopolita, a merecer uma estadia prolongada.

Pernoitámos no Hostal Rural Onbordi em Lesaka. Onde? Pois... perdido no meio de nenhures, edifício com a arquitetura característica do País Basco, rodeado de vegetação luxuriante e a 40 km de San Sebastián. Alguém disse que não existe 'bom e barato'?

Introdução aos Pirenéus

O País Basco, nesta zona que atravessámos de 'introdução' aos Pirenéus é lindíssimo! As diferentes tonalidades de verde que se misturam à medida do ondear do terreno são deslumbrantes. ▶



Plaza Mayor de Tordesilhas, Catedral de Burgos, Playa de la Concha em San Sebastián e a Sé Velha de Lérida



HOTÉIS QUE NOS AGRADARAM E QUE RECOMENDAMOS:

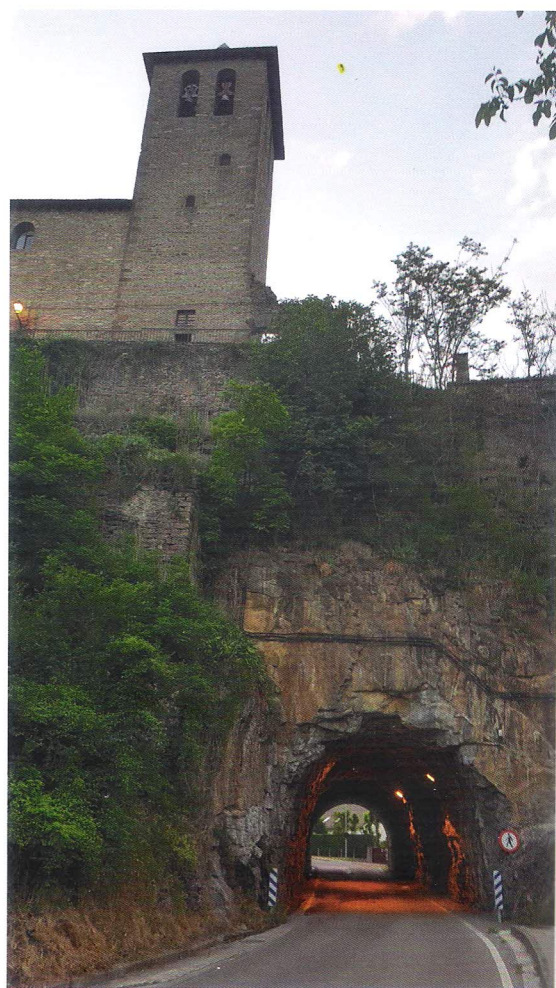
Final da 1ª etapa
Hostal Rural Onbordi (Lasaka, aproximadamente a 40 km de San Sebastián)

Final da 2ª etapa
Hotel Bujaruelo (Torla)

Final da 3ª etapa
Hotel L'Isard (Andorra-a-Velha)

Final da 4ª e 5ª etapa
Hotel Ronda (Figueres)

O custo médio rondou os 55€ por noite em quarto duplo (reservas Booking efetuadas de véspera ou no próprio dia).



▶ Outra nota sobre este território que abrange dois países: a sua incrível identidade cultural – e política! – com uma tranquilidade social que há alguns anos seria impensável.

Hondarribia - a cidade está separada da francesa Hendaye pelo rio Bidasoa. A paisagem é fenomenal, pois a foz do rio cava uma baía com praias em ambas as margens. E o Cabo de Higuer é logo ali. É fundamental referir que Hondarribia tem uma zona monumental muito interessante e que merece uma visita.

Cabo Higuer - Selvagem e lindo. É o ponto mais oriental do Mar Cantábrico e selou o início da nossa travessia dos Pirenéus. Daqui saímos rumo às montanhas.

Col d'Ispeguy - Aqui almoçamos defronte de uma vista deslumbrante. Para trás tinha ficado Espanha, à frente tínhamos França. Viemos por estradas sinuosas de 'sobe e desce', mas sem grandes altitudes (abaixo dos 1000 metros). O que não significa ausentes de diversão. Seguimos por longa descida numa das encostas do vale.

S. Jean Pied de Port - Antiquíssima e monumental, é o ponto clássico de início do caminho francês de Santiago. O casario típico, o centro histórico e o pequeno rio que a atravessa dão-lhe uma beleza muito característica.

Canfranc - Em recuperação depois de anos ao abandono, foi um marco histórico muito relevante no

trânsito de passageiros (refugiados, judeus, etc. que pretendiam fugir à guerra e às perseguições nazis, e em que o destino era geralmente Portugal) bem como de géneros (ouro e outros valores para cá, volfrâmio e alimentos para lá). Uma história muito interessante, de resistência, de espionagem e jogos duplos. E, diga-se, um edifício impressionante pela sua arquitetura e enquadramento paisagístico. Chegámos cá depois de percorrermos mais de 100 km em estradas municipais francesas, muito divertidas, e entrámos em Espanha pelo túnel de Somport, longo de 9 km.

Torla - Rodeada de montanha e inserida no Parque Nacional de Ordesa e Monte Perdido, é uma pequena povoação - 300 habitantes - dedicada ao turismo, de beleza ímpar, seja pelo seu casario de ruas estreitas seja pela envolvente: cinco picos e o imponente Macizo de Mondarruego. Aqui pernoitámos, com essa vista fantástica da janela do quarto!

Andámos em Espanha, França, voltámos a Espanha. A quase totalidade do percurso por aquilo que cá chamaríamos Estradas Municipais. Excelentes! No piso (apesar das difíceis condições meteorológicas que enfrentam), bem sinalizadas, com boas condições de segurança e muito bem desenhadas. Melhores que a maioria das nossas 'Nacionais'. Outra nota, importante para quem esteja menos atento: em França a esmagadora



Topo
A Pan e a VFR em
pausa para descanso

Base
Estação de Canfranc
(esq.) e Torla (dir.)



maioria dos estabelecimentos comerciais está encerrada ao domingo, principalmente as bombas de combustível. Convém jogar pelo seguro.

Depois, se já tínhamos tido até aqui um certo saborear dos Pireneus, mas a baixas altitudes, a festa ia começar! No percurso até Torla ainda tomámos o gosto à N260, que nos iria acompanhar daí por diante e ser o ponto alto da viagem. Passámos Jaca, Sabiñanigo, Biescas e, finalmente, a pequena e bonita povoação de Torla.

Uma 'montanha russa'

Saímos da paradisíaca Torla para logo apanharmos a N260. Passámos Ainsa e sucederam-se Las Colladas, Campo, Bisaurri, Noales...

Sobe, desce, sobe, desce, curva e contra curva quase permanentes, vales escarpados onde rio e estrada mal coabitam... por falta de espaço. Paisagens deslumbrantes, cada uma mais bela ou impressionante que a anterior. Se fosse um parque de diversões, tínhamos passado de um carrossel dos miúdos para um destinado a mais crescidos. A montanha russa ficava mais à frente. Para aperitivo, nada mal!

Perto de Viuet, a N260 encontra a 'prima' N230. Aqui sim, começámos a subir mais a sério. Já próximos de Viella, um túnel anunciava-nos mau tempo do lado de lá. Parámos para vestir agasalhos e à nossa esquerda estava, com bastante neve, o Pico

de Aneto, o mais alto da cordilheira, com mais de 3400 m de altitude. Majestoso!

Viella - Cidade de montanha, completamente virada para o turismo de inverno. A arquitetura é tipicamente alpina (deveria dizer 'pirenaica'?) em que os edifícios seguem todos a mesma traça e dimensões similares - o que, no final, dá um certo ar artificial. Mas a paisagem é de cortar a respiração.

Baquera-Beret - De Viella subimos mais um pouco até chegar à rainha das estações de desportos de inverno dos Pireneus. Celebrámos o 10 de junho com a nossa bandeira nacional. Daí partimos à conquista do prato forte da jornada: o Col de Bonaigua (2072 m)

Col de Bonaigua - Subimos rodeados de um espesso manto de nevoeiro. Nada que fizesse perigar a condução (embora, à medida que subíamos, nos preocupássemos com o que estaria pela frente), mas que nos retirava a espetacularidade das vistas. Chegados ao topo, fotos da praxe e toca a descer. Alguns metros percorridos e... o nevoeiro foi-se. A paisagem era brutal. E a descida também! De tal forma que, chegados lá abaixo, toca a subir outra vez, para repetirmos a descida. Escusado será dizer que o ritmo não era propriamente de passeio, apenas aquele que o 'kit de unhas' permitia (sem colocar nada em risco)! Diversão absoluta e adrenalina no máximo.

Port Cantó - Em Sort reencontrámos a nossa N260, ►



Fronteira França - Espanha no km 0 da N260



um café na esplanada e toca a seguir. Esta estrada foi certamente projetada por um motard empedernido! Não dá descanso. Sobe, desce, sobe, desce... e se há uma reta é apenas para nos permitir meter uma mudança acima para que o pé esquerdo não adormeça. Logo a seguir redução para mais uma curva! São 52 km de deleite e diversão, muito frequentados pela malta das motos.

Andorra-a-Velha - Depois de muitos quilómetros de êxtase para os olhos e de puro deleite de condução, chegámos ao paraíso do consumo. Ser paraíso fiscal ajuda. E estar num vale rodeado de montanhas também.

As montanhas são gigantes, imponentes com encostas a pique e vales profundos que acentuam a sua dimensão. Nos vales, predomina o verde e é frequente irmos na estrada a ladear rios cujo caudal em fundos de pedra lhes dá uma graça e beleza fantásticas. As fotos não conseguem fazer justiça à paisagem. Que é um regalo para os olhos. E a estrada.... este dia foi um banquete real!

O 'verão' nas montanhas

A previsão de tempestade confirmou-se. Fizemos 200 km debaixo de chuva intensa e contínua. Percorremos uma estrada de montanha - a Collada de Toses - com mais de 40 km de extensão e andámos pelos 1800 m. Com a temperatura a 3°!!!



Teatro Museu Salvador Dalí, em Figueres



E não, não apanhámos neve. Por um triz!
Para ajudar à festa, a proteção que julgava ter não funcionou. As calças pareciam de fazenda, as botas alagaram, as luvas tiveram de ser torcidas para escorrer a água acumulada! Foram cerca de três horas e meia de condução ininterrupta com temperaturas sempre abaixo dos 10°. O risco de hipotermia foi real. E as falhas de concentração na condução também. Em resumo, um dos piores dias em cima de uma moto! Já passou...

Collada de Toses - Pouco a dizer, a não ser que ficou uma dívida para pagar. Esta é uma estrada a fazer logo que surja a oportunidade. Porque é fantástica.

Figueres - Terra natal de Salvador Dalí. Por todo o lado somos interpelados por estatuária urbana que nos transporta para o universo (algo alucinado) do fantástico criador. Cidade com cerca de 50 mil habitantes, vive intensamente o seu cidadão mais reconhecido. A sua obra está disseminada pelas ruas e praças. Mas o ponto alto é o Teatro Museu Salvador Dalí, que não é possível descrever por palavras. Tendo sido inaugurado na década de '70 do Séc. XX, a sua conceção deve-se ao genial e excêntrico criador. E a forma como o próprio edifício está estruturado e o seu design são ilustrativos da criatividade de Dalí. Tudo está feito de forma a realçar todas as vertentes criativas, a exploração das diferentes técnicas artísticas e os

estímulos sensoriais de quem aprecia. Imperdível!
N260 - Fomos ao quilómetro 0 da N260 para fecharmos este capítulo e prestarmos a justa homenagem a uma estrada que tem tudo, mas tudo mesmo, para ser uma das rotas míticas do pessoal das motos. É fantástica no seu trajeto entre Sabiñanigo e Portbou, junto à fronteira com França. E, surpresa, tivemos diversão até mesmo à fronteira. Com o benefício adicional de, à nossa esquerda, em baías sucessivas, termos o azul forte do Mediterrâneo.

De mar a mar

Cap de Creus - A ponta mais oriental da Península, por nós escolhida para ser o fecho da travessia dos Pirenéus que, recorde, começou simbolicamente no Cabo Higuer, em Hondarribia no mar Cantábrico. Os 12 km finais até ao Cabo justificavam algum cuidado. Apesar de alcatroada, a estrada não é boa, sem marcações e nalguns casos a requerer atenção. Mas que linda é a aproximação ao Cabo. Selvagem. Agreste. Quase lunar... fora deste mundo! E unimos o Atlântico ao Mediterrâneo. Objetivo cumprido!

Cadaqués - É uma vila paradisíaca onde, talvez por isso, passaram visitantes famosos: o já referido Salvador Dalí, mas também Pablo Picasso, entre outros que vão sendo registados na memória



A bela vila de Cadaqués





Topo

Vic, Plaza Mayor

Centro

Museu de la Moto de Bassella

Base

Vista do rio Ebro em Saragoça (esq.) e os viajantes em Cap de Creus (dir.)



INFORMAÇÃO ADICIONAL:

CUSTOS

Afinal, quanto custou esta viagem (*per capita*, valores aproximados)?

Combustível
300,00€

Alojamentos
160,00€

Alimentação
100,00€

Diversos (entradas, portagens, etc.)
40,00€

TOTAL
600,00€

PERCURSO

Para seguir o trajeto que percorremos, de uma ponta a outra dos Pirenéus e mais um pouco, antes e depois – os mais de 1500 km de Burgos a Saragoça – aqui fica o QR Code para o download, cortesia Viagens ao Virar da Esquina (sem esquecer os 'direitos de autor' do Jaime Fernandes!)



das placas colocadas nas paredes das casas onde viveram. Baía com um mar azul forte e ligeira ondulação, salpicado de pequenas embarcações (maioritariamente de recreio) e com o casario branco de um ou dois pisos disposto em anfiteatro. A marginal, de uma ponta à outra, possibilita um ameno passeio e saborear a calma de uma estância de veraneio antes da época (a apetitosa gelataria fechou antes das 21h00. Quando lá chegámos, nada!) O dia terminou novamente em Figueres. Atingimos os 2000 km de viagem e cumprimos o objetivo de atravessar os Pirenéus de uma ponta à outra. O que não significa termos conhecido a totalidade da cordilheira. Muito mais ficou para próxima oportunidade: todo o lado francês e mais alguns detalhes deste lado.

De regresso

Girona - O centro desta cidade catalã tem história. E muita. A mais recente diz respeito ao facto de ter oferecido os cenários para as 5^a, 6^a e 7^a temporadas da série Guerra dos Tronos (como não acompanho, não consigo fazer o paralelismo, mas fica a indispensável referência). Para lá da visita ao castelo e muralhas, que nos permitiram ter uma visão panorâmica da cidade, de todo o espaço que a rodeia e, lá ao fundo, a presença dominante dos Pirenéus, de percorrermos as ruas estreitas e empedradas do centro histórico, é evidente que sobressai a Catedral. Imponente e majestosa, possui a maior nave gótica do Mundo, o que bem atesta a sua dimensão.

Vic - Demorámos a encontrar o centro. As obras nas principais ruas dificultaram a tarefa, apesar da cidade não ser grande. Sobressai, atestando a sua muita antiguidade, um templo romano do Séc I em excelente estado de conservação, bem como a praça central onde, desde o século XIII, se fazem regularmente feiras.

Museu de la Moto - Localizado em Bassella. Onde? Isso mesmo! Bassella... algures no meio de nenhures! Mas atenção: o Museu vale a pena a deslocação. O tempo lá passado é uma visita ao historial do mundo motociclista. É uma peça fundamental na nossa cultura motociclista. Logo à entrada, uma VFR cortada ao meio para conseguirmos perceber as suas entranhas. E depois, por ordem cronológica, inúmeras marcas e modelos que fizeram a história deste mundo e as paixões de motociclistas desde os finais do Séc. XIX.

Um dos melhores e mais completos museus dedicados à moto em toda a Europa. Não foi necessário correrem connosco, mas esteve por muito pouco!

Lérida - Cidade antiquíssima. A Catedral de la Seo Vieja (Sé Velha) - Património da Humanidade -, inserida no vasto espaço fortificado do Castelo de Gardeny e situada no cimo

de uma colina sobranceira à plana cidade, é imponente. Lindíssima. E a iluminação adequada a somar à luz natural do lusco fusco, ainda acentuou mais a majestade daquela construção, cujo início remonta ao início do Séc XIII e assenta nas ruínas de uma antiga mesquita árabe. Depois, descemos pelas estreitas ruas que conduzem à avenida que margina o rio Segre. Algo sujas, com população predominantemente magrebina. Pelo menos àquela hora, não nos cativou.

À saída para o sétimo dia de viagem, ainda não sabíamos que seria o último dia (ver decisão nº 5). Mas assim foi. Para lá da longa tirada de regresso, sem história para contar, ficou o registo da última visita. Que impressionou!

Saragoça - Cidade de grande dimensão, cosmopolita e com uma vida nas ruas absolutamente notável. Dava a sensação de que as pessoas andavam nas ruas bem-dispostas e com um sorriso no rosto. Quanto à parte monumental... é mesmo monumental!

É um dos principais (senão o principal) ponto de interseção de diversas culturas na Península. Fundada pelo Imperador Romano César Augusto, foi importante centro à época do domínio árabe e é um ponto de referência do cristianismo (é aqui o primeiro local onde surge o culto mariano, no Séc. I da nossa era) - isso transparece na arquitetura de diversos monumentos, nomeadamente na impressionante e imponente Basílica de Nossa Senhora do Pilar, a chamada arquitetura mudéjar.

Tivemos ainda a oportunidade de passear pelas suas ruas, com muito movimento e algumas ruas muito típicas, com bares bem castiços... E, para finalizar, ainda desfrutámos de uma feira medieval que neste dia se iniciava.

A decisão estava tomada! Se conseguíssemos, nesse dia iríamos chegar a casa. Assim foi.

A conclusão

Querem um conselho? Nunca deixem algo de Espanha para ver na viagem de regresso. Porque, quando começamos a pensar na travessia do 'deserto', os quilómetros que faltam e o território (quase) inóspito, só apetece terminar o mais rapidamente possível.

Uma nota final para as estradas espanholas. Não para as curvas ou contracurvas, mas sim para o seu estado. Em geral muito bom. Bem conservadas, sinalizadas, com bermas adequadas. Refiro-me às estradas nacionais (para comparar com as nossas...). Quanto às autoestradas, fizemos cerca de 2000 km nestas estradas (Ciudad Rodrigo-San Sebastián e Lérida-Badajoz) e nem um singelo euro em portagens!

No que respeita aos Pirenéus, o que dizer? ESMAGADOR! ▀